

RECONSTRUINDO UMA HISTÓRIA - A FORMAÇÃO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E  
ASSESSORIA POPULAR<sup>1</sup>

Mônica Alves Silva<sup>2</sup>

Este trabalho buscou, a partir da metodologia da História Oral, reconstruir parte da história do Centro de Educação e Assessoria Popular (CEDAP), instituição fundada no município de Campinas-SP em 1987, tendo como importante fonte as narrativas de pessoas que participaram dessa construção. Foram entrevistadas sete pessoas envolvidas na história que leva ao CEDAP e na sua própria formação, embora de maneiras e intensidades diferentes, sendo que Paola, Zuleica, TJ, Marisa e Terencio aparecem na Ata da Assembléia de Fundação como sócio-fundadores e Jorge e Devanir participaram no início sem esse vínculo formal. Todos os entrevistados integraram diversos movimentos sociais, alguns já como assessores e outros como membros de grupos reivindicatórios.

A compreensão da construção e história do CEDAP passa pela compreensão da história que o precede, pela identificação de suas origens, das histórias e experiências de vida que estão por trás dessa formação. Assim, ao reconstruir parte da história dessa instituição, retomamos também parte da história dos movimentos sociais de Campinas, em especial dos populares e urbanos.

Desse modo, este trabalho buscou abordar o período anterior à instituição do CEDAP e o momento que podemos chamar de sua primeira fase, que compreende sua constituição, em 1987, até 1994, momento em que se processam algumas mudanças na conjuntura nacional e internacional e na própria instituição<sup>3</sup>, com ênfase em sua forma de organização, objetivos e forma de atuação no campo da educação.

As décadas de 1970 e 1980 corresponderam no Brasil a um período de grande efervescência no que diz respeito à mobilização e organização popular. O país se encontrava sob regime militar, instaurado após o Golpe de 1964 que derrubou o governo do presidente João Goulart, e que se caracterizou pelo retrocesso e perdas de direitos sociais e civis, pela censura, violência e repressão

---

<sup>1</sup> Esse trabalho faz parte da pesquisa de mestrado intitulada “O fazer em foco: Projeto Firmeza”, que tem por objetivo analisar o Projeto Firmeza, experiência de intervenção de cunho educativo em um contexto não escolar, ou seja, de educação não-formal, desenvolvido pela ONG CEDAP, levando em consideração seu público específico, composto por crianças e adolescentes em situação de exploração sexual comercial.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pelo grupo de pesquisa VIOLAR (Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Formação de Educadores), com orientação da Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan.

<sup>3</sup> Nos anos de 1994 e 95 o CEDAP passa por reformulações em função de mudanças conjunturais e da redução do financiamento que recebia de agências de cooperação internacional para desenvolver projetos com os movimentos populares.

2

às manifestações e movimentos que fossem contrários ao regime vigente. Durante esse período, que durou até 1985, o Brasil assistiu ao “Milagre Econômico Brasileiro”, grande surto de desenvolvimento econômico e industrial, e, ao mesmo tempo, houve pouco investimento na área social. Na década de 1980, o país já contava com uma enorme dívida externa, iniciada já nas décadas anteriores, além do aumento da inflação e do desemprego.

Durante esse período muitos movimentos foram violentamente sufocados e calados pela Ditadura. Entretanto, a partir, principalmente, do fim dos anos de 1970, com o Regime Militar perdendo legitimidade, o crescimento econômico desacelerando, o aumento do desemprego, entre outros fatores, deu-se a emergência de inúmeros movimentos e organizações sociais, pelo enfrentamento e resistência ao regime. Maria da Glória Gohn afirma:

*Havia um clima de esperança, de crença na necessidade da retomada da democracia, da necessidade da participação dos indivíduos na sociedade e na política. Havia também uma crença na força do povo, das camadas populares, quando organizadas, para realizarem mudanças históricas (...). Os moradores das periferias, das favelas, cortiços e outros submundos saem da penumbra e das páginas policiais para se tornarem depositários das esperanças de ser novos atores históricos, sujeitos de processos de libertação e de transformação social. (GOHN, 1995, p.114)*

Esses movimentos expressavam o desejo de se construir uma sociedade diferente, mais justa e igualitária, sem exclusões e segmentações.

A partir dos depoimentos, constata-se que é esse o contexto que reúne e mobiliza as pessoas que mais tarde, em 1987, fundam e participam do CEDAP, que tem sua origem nos movimentos sociais surgidos principalmente nas décadas de 1970 e 80. Eles foram os pontos de encontro de seus fundadores, de sua formação e militância. Esses movimentos agregaram pessoas oriundas de diversos segmentos, como trabalhadores, universidades, Igreja Católica, partidos políticos.

De acordo com Gohn (1995), o inchaço das periferias das grandes cidades com loteamentos populares, a desaceleração econômica, gerando desempregos, o aumento da inflação, a descoberta de vários moradores dessas periferias que seus lotes eram clandestinos, foram alguns dos fatores contribuíram na explosão dos movimentos populares no Brasil no fim dos anos de 1970.

Nesse período a Igreja Católica se destacava com seu trabalho de base, realizado nos bairros, principalmente a partir das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, fundadas a partir de 1968, e guiadas pela ala da Teologia da Libertação, que tem como foco o trabalho com os pobres e a busca por melhores condições de existência no mundo. Quase todas as pessoas entrevistadas relataram

3

participação ou alguma interface com as CEBs ou com a Igreja Católica, sendo que muitos dos que fundaram o CEDAP vieram desse movimento da Igreja, como afirmam Jorge e Zuleica:

*A origem do pessoal que formou o CEDAP é praticamente oriunda da Igreja, a gente já tinha uma militância e sentia lá a falta de um espaço de formação e isso motivou a fundação do CEDAP. (JORGE)*

*Aí no CEDAP eu fui conhecer o pessoal do movimento da Igreja Católica (...). Aí eu conheci o pessoal da Teologia da Libertação, das Comunidades de Base e aí eu andei aí por meio desse povo. (ZULEICA)*

O relato de Terencio, que veio dos Estados Unidos para ser missionário no Brasil, nos traz um pouco das CEBs no Brasil e em Campinas:

*Montaram o sistema da COHAB aqui em Campinas e em 67 já, mais ou menos (...) que era de pessoas moradoras de rua, as mais pobres imagináveis (...). Ao poucos foram então, construindo mais conjuntos da COHAB. Muito bem, ao mesmo tempo a Arquidiocese de Campinas, que tem uma tradição muito interessante, pois não é totalmente conservadora, ela sempre teve gente ligada ao lado social, movimento social, tem até hoje, e resolveram comprar em cada uma dessas vilas da COHAB uma casa para exercer sua pastoral lá. Enquanto isso, lá no nordeste, especialmente Dom Eugênio Sales, ele montou o que se chama hoje de Comunidades Eclesiais de Base. Então, ao invés de uma paróquia no centro de um bairro imenso com dez, quinze, vinte mil pessoas, a idéia era ter um pequeno grupo em bairros menores e menos gente acompanhada por padres. (TERENCIO)*

As CEBs eram tidas como fundamentais na organização das demandas e ações coletivas, como possibilidade de reunir as comunidades para discutir seus problemas e reivindicações e também como abrigo, como proteção para a mobilização no período da Ditadura:

*As CEBs é fundamental, ela que de certa forma dá o início da resistência. Você tinha outros movimentos políticos, mas as CEBs, na minha vida pessoal e na vida de algumas pessoas que eu conheço, ela tem um papel fundamental, de formação, de ajudar a refletir, de ajudar a construir. E a partir dessas reflexões que foram feitas dentro da CEB a gente conseguiu ter alguns avanços. (TJ)*

*As Comunidades Eclesiais de Base serviram como abrigo durante todo o período da ditadura. Era o espaço que se tinha. A Igreja contribuiu muito pra conseguir a redemocratização do país, então o pessoal, as lideranças eram mesmo das Comunidades. (PAOLA)*

As comunidades aglutinavam uma série de movimentos populares e podemos perceber pelos depoimentos que havia grande relação e intercâmbio, como afirma Gohn (1992) em relação às

4

características dessas organizações, lutas diversas e simultâneas, das Associações de Bairro, Movimentos de Favelas, Movimentos dos Sem-Casas, CEBs, entre outros. Um dos movimentos de destaque que aconteceu a partir dessa articulação e apareceu em todas as falas dos entrevistados foi a Assembléia do Povo, que aconteceu em 1979, em Campinas:

*Fui convidado através de uma freira da CEB do Jardim São Marcos, que tava naquela época começando a fundar, a gente inclusive usava um posto de saúde, de um senhor que cedia a casa pra prefeitura fazer um posto de saúde, e a gente se reunia no fundo, que tinha uma área coberta, pra fazer as reuniões da comunidade, foi a partir daí que a gente foi tomando consciência de fazer reflexão bíblica, ler os textos bíblicos e trazer esse texto bíblico pra nossa realidade daquela época. E aí a gente foi tomando consciência de que havia alguma coisa errada e que deveria ser feito alguma coisa. E aí nós ajudamos a fundar a Associação dos Moradores do São Marcos, com um processo de resistência. Em 1977, o Francisco Amaral, prefeito daquela época, queria tirar os moradores da favela, só que ele queria tirar sem nenhuma proposta, sem projeto, “vocês tem que sair e ponto”, e a assistência social naquela época servia praticamente pra fazer esse tipo de coisa que era entregar cartas na casa e mandar as pessoas se retirarem. (...) E nós tivemos um processo de resistência e nós criamos então a Associação dos Moradores de Favela e a partir disso, os movimentos de favela de Campinas, nós conseguimos, fizeram movimento a nível municipal, depois foi fundada a Assembléia do Povo. (TJ)*

*Assembléia do Povo foi um movimento marcante mesmo em Campinas, que rolou, assim, pro país, porque as assembleias que se davam na frente da prefeitura eram de três mil pessoas e pra você juntar esse tanto de gente é difícil. Você ia fazer as reuniões no Centro Pastoral Pio XII e a sala não cabia, e era uma sala enorme, ficava gente pra fora, o povo ia mesmo, os bairros iam assim “quero minha rua organizada, quero a água no meu bairro, quero a escola no meu bairro”. (MARISA)*

Ao mesmo tempo, a derrocada da Ditadura Militar apresentava-se como o ponto aglutinador:

*O CESAP<sup>4</sup> foi no final da década de 70, início dos 80, não lembro exatamente a data, mas foi nessa época que afloravam muitos movimentos sociais e tinha como ponto aglutinador, de todas as forças, de todas as correntes, derrotar a Ditadura Militar. Isso sem dúvida nenhuma foi um ponto de congruência, aquilo que fazia com que todas as correntes se unissem em torno desse objetivo principal, que era derrotar a Ditadura Militar. (DEVANIR)*

A partir desses discursos, destaca-se a noção de direito e a questão da garantia dos direitos sociais das populações como base das reivindicações, que é uma das características apontadas por

---

<sup>4</sup> CESAP, Centro de Serviço e Assessoria Popular, instituição que precedeu o CEDAP.

5

Gohn (1995) sobre os movimentos sociais dos anos de 1970 e 80, para os quais a cidadania tornou-se a grande bandeira, demandando a garantia dos direitos sociais tradicionais, como condições dignas de vida, igualdade, liberdade, e direitos sociais modernos, referentes às questões de gênero, por exemplo. A autora (2005) afirma que os movimentos sociais, populares ou não, urbanos ou rurais, construíram e expressam um tipo de cidadania denominada coletiva. Esta se caracteriza por centralizar-se em grupos que vivem de maneira semelhante, em termos de como são excluídos ou incluídos na sociedade e, unindo esses coletivos, pressiona o Estado pela implementação e garantia de seus direitos. Na fala dos entrevistados identificam-se elementos da cidadania coletiva:

*Então faltava tudo e a gente tinha que correr atrás. Então eu participava mais dos bairros, desses movimentos locais, a nível mesmo das reivindicações que os moradores tinham, que nós tínhamos como moradores e nessa época também eu procurava acompanhar os movimentos sindicais, principalmente das oposições, que aqui em Campinas foi bem forte. Eu me lembro de ter participado bastante da oposição metalúrgica, no sentido de estar derrubando a “pelegada” que estava lá pra se vender pros patrões em detrimento da luta dos trabalhadores e eu percebi que isso era fundamental, pra gente, conquistar sindicatos e colocar lá pessoas que realmente estavam comprometidos com essa luta que era comum a todos, mesmo os que não faziam parte daquela categoria, que era adquirir instrumentos que propiciassem fortalecer essa luta por uma sociedade mais justa, uma sociedade onde as pessoas pudessem viver com mais dignidade e evidentemente construir uma sociedade mais democrática e se livrar da Ditadura. (DEVANIR)*

Entretanto, talvez se possa afirmar que nesse e em outros discursos apareçam elementos que ultrapassam o campo da cidadania coletiva e se aproximam da cidadania defendida por Gohn (2005), a cidadania plena, “moldada na tradição republicana, que pressupõe o conhecimento e a consciência ética dos processos políticos da polis e do mundo em que se vive” (GOHN, 2005, p. 29). Esse tipo de cidadania estaria presente nos relatos através da preocupação de que os movimentos populares adquirissem instrumentos que fortalecesse uma luta pela transformação da sociedade e quando afirmam a necessidade de conhecer a realidade, o sistema, as organizações e instituições da sociedade em que estamos inseridos:

*Teve até um seminário na época do Plano Diretor da cidade que foi organizado pelo CEDAP (...). Depois também pra colocar para a população como seria participar dos Conselhos Populares, foi um seminário que foi feito também pelo CEDAP (...) até teoria de prefeitura, para gente ter conhecimento de como caminha essa parte de órgão público. (MARISA)*

6

Percebe-se que os movimentos contavam com outros atores sociais além de sua base. Diferentes atores que se diferiam por seus papéis. Destaca-se a presença de lideranças e de assessorias, religiosas, político-partidárias, entre outras. Gohn (1992) afirma que para entender os movimentos comunitários deve-se compreender a articulação entre esses atores, pois não há nenhum movimento social totalmente puro, sem influências externas, e as assessorias tiveram papel fundamental e que deve ser considerado. É nessa perspectiva que aproximamos essa análise com a formação, no caso específico, do CEDAP.

Durante boa parte das décadas de 1960 e 70, principalmente, a Igreja Católica foi o grande ator social na área de assessoria aos movimentos. A partir da década de 1980, a Igreja passou a não ser mais o único ou principal centro aglutinador dos movimentos. Um dos motivos foram as mudanças nas diretrizes da própria Igreja, que passa a questionar e limitar as práticas da Teologia da Libertação e, portanto, o trabalho de base com vistas a mudanças e organização popular.

*Os grupos organizados de assessorias, particularmente os vinculados à ala progressista da Igreja Católica, passaram, nos anos 80, a militar junto às populações periféricas no sentido de organizá-las para pressionarem os poderes públicos. Esta linha de atuação funcionou bem até a metade da década de 80. A partir daí, as assessorias entraram em crise porque as cúpulas religiosas passaram a pressionar e a punir este tipo de atuação. (GOHN, 1992, P. 50)*

Nesse momento, em Campinas-SP, pessoas ligadas aos movimentos aqui destacados, com destaque à organização católica, formam uma entidade chamada CESAP, Centro de Serviços e Assessoria Popular, que pretendia trabalhar com os movimentos sociais, populares e sindicais. O CESAP aparece nos depoimentos como o precursor do CEDAP:

*O CESAP ele já vem do movimento político da cidade, de esquerda, pessoas ligadas a comunidades de base, teologia da libertação, movimento sindical, que na época tava se discutindo CUT, organização dos sindicatos, reabertura política no país (...) E aí o grupo de movimentos populares do CESAP constituiu o CEDAP. (ZULEICA)*

*Em 80, a Ditadura já estava esfacelando. Estávamos já na época dos movimentos a favor das Diretas Já e a Igreja Católica começa a recuar. Nós que estávamos trabalhando na Igreja, que era o meu caso, você tem uma liberdade de ação, mas tem seus limites, não pode fazer o que você quer, aí surgiu a idéia de vamos fazer entidades, ONGs, próprias que não estão diretamente sob, nem a égide, nem o comando da Igreja Católica. Então, é nesse período que continuamos a dar cursos de direitos humanos, organização do povo, etc., mas em ONGs. (TERÊNCIO)*

*Eu participei ativamente da derrubada dos pelegos do sindicato dos metalúrgicos, as pessoas que trabalhavam nas fábricas ela vieram, essa consciência, vieram das CEBs, dessa participação ativa, necessidade de organizar e aí foi, criou-se essas ferramentas de organização do povo, tanto CESAP como CEDAP. (TJ)*

Visto enquanto ferramenta do povo, para sua organização, as instituições de assessoria, as ONGs, nos anos 70 e 80, contribuíram na luta contra o regime militar e pela redemocratização a partir de seu apoio aos movimentos. Preocupavam-se em fortalecer a representatividade dos setores populares, em estruturar suas organizações e desenvolviam trabalhos de conscientização dos movimentos sociais. De acordo com Gohn (2005), essas ONGs eram suportes para ação dos movimentos.

O CEDAP, Centro de Educação e Assessoria Popular, foi um dos centros de assessoria ou centros de educação popular que surgem nessa época, no Brasil, com o objetivo de acompanhar e assessorar movimentos sociais. O objetivo do CEDAP é descrito em sua ata da Assembléia de Fundação como “prestar assessoria, apoio às diversas iniciativas populares de Campinas e região” (Ata Assembléia de Fundação CEDAP, 17/10/1987). Nessa assembléia estiveram presentes vinte e três pessoas, que assinaram como sócio-fundadoras, entre elas, pessoas com diferentes profissões, como assistentes sociais, mecânico, costureira, funcionário público, professores, recreacionista, e outros, sendo que alguns vinham de um trabalho de assessoria, através dos movimentos da Igreja Católica principalmente, e outros eram integrantes dos movimentos populares, lideranças, que exerciam ao mesmo tempo o papel de líderes e o de assessores.

A instituição foi formada após uma cisão entre a equipe do CESAP, como relata Zuleica:

*O CESAP era um centro de educação popular nos mesmos moldes do CEDAP, só que lá ele tinha duas vertentes desse trabalho, uma na área sindical e outra na área dos movimentos populares (...) O CESAP nessa época a gente teve uma cisão, por modos de pensar diferente a organização da instituição, a sua estratégia política. O CEDAP foi fundado em outubro de 87. (...) A gente tinha uma análise naquela ocasião de que o movimento sindical por mais que ele necessitasse de infra-estrutura, de apoio, mas ele já tinha a CUT constituída, já tinha os sindicatos retomados (...), já tava mais na mão dos trabalhadores, então já tinha uma certa organização que podia dar o amparo e os movimentos populares não tinha essa infra-estrutura e eles precisavam disso. Então o CEDAP, a idéia que nós pensamos, que esse movimento, apoio, organização dos movimentos populares tem que continuar, então nós vamos criar uma instituição voltada pra isso (...) então nós vamos desenvolver um centro de educação para apoio aos movimento populares, aí nós criamos o CEDAP. (ZULEICA)*

Nos primeiros meses, o CEDAP não contava com financiamento, segundo Paola, “até julho de 88 acho que nem eu nem a Zuleica estávamos contratadas, a gente fazia trabalho voluntário, aí, em julho de 88 veio o financiamento”. A instituição passou a receber verba de três instituições<sup>5</sup> de cooperação internacional, que na época, eram as grandes financiadoras de projetos sociais que atuassem em movimentos pela cidadania em países que estivessem vivenciando processos de redemocratização.

O trabalho no início era organizado pelos próprios sócios e diretoria, muitas vezes como trabalho voluntário, exceto duas pessoas, sócio-fundadoras que foram contratadas e cuidavam tanto da parte administrativa quanto da elaboração e execução de projetos.

*Nós fundamos a instituição. Nós [Zuleica e Paola] estávamos juntas na fundação em 87, eu ainda estagiária, ela já formada, ela já era assistente social na época, depois nós fomos trabalhar no CEDAP como pessoas que iam começar a instituição, então eu e ela começamos. Ficamos cuidando da instituição, a gente fazia tudo lá, era projeto político, era articulação, militância, tudo, a gente fazia até 94. (ZULEICA)*

*Naquela época nós tínhamos, assim, todo trabalho de execução, de elaboração e tal era feito por militantes, por pessoas da própria diretoria que não eram remuneradas. (JORGE)*

Esses e outros relatos apontam uma flexibilidade e uma organização que se propunha não hierárquica, prezando por uma maior participação, pois, ainda que se constituíssem enquanto uma instituição, com estatuto e obrigações formais, não se tinha um quadro rígido, não havia uma diretoria que decidiria de maneira isolada o andamento da instituição, havendo uma colaboração de todos os envolvidos, inclusive os que não estavam formalmente no quadro de associados ou da equipe contratada. Outra consideração é que, ainda que divididos por papéis, isso se mistura, pois um líder de movimento também poderia ser, ser visto e se ver como assessor, membro da entidade de assessoria, como mostra o depoimento de Marisa:

*[O CEDAP] ajudou muito na associação dos moradores que ia mudar de direção, algumas associações que não tinha legalmente estatuto, (...) o CEDAP dava a parte de assessoria educativa e questão de documentação para a Central dos Movimentos Populares, que nós participávamos, com meu bairro e, como eu fazia parte de sócia também do CEDAP acabava fazendo os dois trabalhos. Era do movimento, mas era sócia também do CEDAP, aí encaixava o que era de prioridade do CEDAP estar nos ajudando*

<sup>5</sup> São elas: Desenvolvimento e Paz (D&P), do Canadá; ICCO, da Holanda; e Christian Aid, dos Estados Unidos. A D&P mantém o financiamento até hoje (2009).

*e ele ajudava nessa formação, formação educativa mesmo, de como ter o relacionamento no bairro. (MARISA)*

De acordo com os relatos é possível afirmar que o CEDAP se constituía como instituição de apoio aos movimentos, oferecendo cursos e seminários<sup>6</sup> e contribuindo na organização dos movimentos populares de diversas maneiras. Alguns dos conteúdos e concepções do trabalho são manifestados nos depoimentos:

*Nós tínhamos grupos de estudo, cedíamos os espaços para outras iniciativas, alguns grupos que não tinham onde se reunir o CEDAP cedia o espaço e eles de forma livre se organizavam. Nós não tínhamos assim uma idéia de conduzir o trabalho, era formar e depois eles tocavam, era mesmo no sentido de construir. (JORGE)*

*Naquela época a gente fazia um trabalho que era pra fomentar lideranças, formar lideranças, fortalecer os movimentos, pro pessoal entender o que era essa sociedade, qual era a luta que devia ser feita, era nesse sentido. A gente tava saindo da ditadura militar, mas tinha muitos reflexos ainda, a sociedade tava meio perdida, então precisava fortalecer os movimentos, então a gente trabalhava com esses movimentos, com essas lideranças, pessoas que hoje assumiram cargos, são prefeitos, assumiram vários cargos na política, mas o nosso trabalho era esse de, entre aspas, conscientização. (PAOLA)*

*Nessa época aqui, 80, era adulto, o povo militante, aquela coisa partidária, sindical, organizativa, força e martelo, era essa coisa. A gente fazia curso de capacitação pro pessoal, falava o que é o capitalismo, o que é o socialismo, como é que foi construído o capitalismo, que opção que a gente faz na vida, o que é melhor, então assim, tinha clara a proposta ideológica da instituição, a gente era tudo socialista, tudo militante socialista, essa era nossa coisa, então a nossa formação era bastante pra organização da população. (ZULEICA)*

Esses elementos trazem questões de concepção de educação. Gohn (1992) afirma que a partir da década de 1970, a educação popular passa a ser concebida de maneira diferente, não mais como programa previamente estabelecido, mas a ser desenvolvida com os grupos populares, a partir desses e não apenas dos assessores. Destaca-se que a educação popular, principalmente a partir da pedagogia de Paulo Freire, aparece como a norteadora do trabalho do CEDAP:

---

<sup>6</sup> No relatório de atividades do período de janeiro de 1988 a janeiro de 1989 estão destacados os cursos e seminários oferecidos. Os cursos foram: “Noções básicas de economia política” e “Movimento popular: a crise atual e a luta pelo socialismo”. Os seminários realizados foram: “Metodologia da formação nos Estados”; “Debate Internacional Administração Municipal e Participação Popular”; “Movimento Popular, Movimento Sindical e as eleições”; “Os resultados das eleições e o movimento popular”. Além disso, esse relatório aponta as assessorias realizadas, capacitações da equipe e participação em movimentos.

*E nós tivemos também vários cursos de educadores, educadores populares e sempre a nossa base, o nosso fundamento era o Paulo Freire. Sempre nós buscamos nessa formação seguir essa linha do Paulo Freire. (JORGE)*

*Nós fomos fazer o movimento do CEDAP e aí calcado na educação popular, essa é a nossa metodologia que a gente brigou durante anos no CEDAP que ele tem que manter. Então hoje o CEDAP tem um histórico que fala muito de educação popular, de construção coletiva do conhecimento (...), a formação de multiplicadores e lideranças comunitárias, essas são coisas que tão dentro dessa proposta da educação popular, você instrumentalizar os movimentos. (ZULEICA)*

Paulo Freire (1980) destaca a necessidade de uma permanente atitude crítica, meio para o homem superar a atitude de conformação, de simples ajustamento na realidade, e, assim, integrar-se e intervir, “aprendendo temas e tarefas de sua época” (FREIRE, 1980, p. 44). Este autor propõe uma atuação educativa, “corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades” (idem, p.59), educação que indo ao encontro do povo, ajuda-o a inserir-se criticamente no processo.

A possibilidade de transformação a partir da mobilização popular apareceu como o ideal do CEDAP, que buscava contribuir nesse processo, auxiliando, fornecendo instrumentos, tanto de infra-estrutura como recursos políticos. Essas ações trazem algumas das concepções defendidas por Paulo Freire e preconizadas pela Educação Popular. Freire afirma:

*Reconhecendo o estado de objetos em que se acham as massas populares na situação concreta de opressão, reconhece também a possibilidade que elas têm de, mobilizando-se e organizando-se na luta contra a espoliação, se tornar sujeitos de transformação política da sociedade. (FREIRE, 1983, p.93)*

A transformação social, a mudança em busca de uma sociedade mais justa e igualitária passa pela assimilação da realidade de maneira crítica. Freire (1983) defende que os homens devem se perceber enquanto sujeitos e não objetos da realidade e da transformação. Isso se dá através da percepção de que a estrutura social é obra dos homens, o que, por sua vez, é possível através do movimento dialético entre teoria e prática, reflexão e ação.

Ao falar do trabalhador social, Freire (1983) destaca seu papel no processo de mudança e que sua opção diante da realidade determina sua metodologia e técnicas de ação. Se sua opção é pela mudança, seu trabalho será no sentido de desmitificar a estrutura social junto com os sujeitos com quem atua, a partir de esforço crítico comum. Além disso, atua pela libertação e humanização, considerando-se apenas um dos agentes dessa luta, que não é neutro diante o mundo, mas que, em

seu trabalho pedagógico, não impõe sua opção aos demais. A luta deve ser coletiva e diversa, composta por outros sujeitos.

Dentro dessa perspectiva, outro conceito percebido nos discursos, como elemento que permeia a atuação no CEDAP, e que Gohn (2005) destaca como fundamental nas organizações das décadas de 70 e 80 é o de autonomia, adquirida quando o indivíduo se torna um sujeito histórico, que sabe ler e interpretar o mundo para nele intervir. Isso se dá pela experiência, conhecimento e troca, pela aquisição de uma linguagem que possibilite ao sujeito participar de fato, compreender, se expressar, o que permite a construção de um campo ético, de respeito ao outro, às diferenças, que prioriza a dimensão comunicativa de troca.

Nesse sentido, é significativa a fala de Devanir, que na época de constituição do CESAP e CEDAP era um jovem, participante do movimento:

*Eu acho que tenho que ser grato a isso, porque se eu consigo hoje enxergar a realidade da sociedade com mais nitidez, de uma maneira mais crítica eu devo muito a isso, a essa participação que eu tive, com essas pessoas que construíram o CEDAP, que construíram a CUT, que construíram o Partido dos Trabalhadores. (...) E eu me considero um eterno aluno, estou sempre aprendendo, cada dia a gente aprende uma coisinha. Eu penso, poxa vida, eu consegui enxergar isso dessa maneira graças aquela participação que eu tive, eu consegui ver as coisas de modo diferente. (DEVANIR)*

Vários elementos apresentados até então correspondem aos princípios que Gohn (1992) destaca como base dos programas considerados progressistas na área da educação popular na época abordada: “desenvolvimento de uma ação pedagógica conscientizadora, que deveria atuar sobre o nível de cultura das camadas populares, em termos explícitos dos interesses delas” (GOHN, 1992, p. 48). Gohn (1992) cita Brandão (1980) sobre os princípios desses programas, principalmente aqueles baseados no Sistema Paulo Freire, que pressupunham “que as populações mais marginalizadas e mais pobres se apropriem de um novo saber-instrumento; um saber que pode ser usado diretamente na realização dos objetivos sociais destas camadas” (idem, p.48). E esses objetivos sociais seriam o resgate da cidadania dessas populações, a busca por direitos e condições dignas de vida, como já foi abordado e está presente nas concepções dos entrevistados:

*A conclusão que a gente chega é que a gente tem que continuar lutando naquilo que a gente sempre lutou, que é a luta por conquista de mais cidadania, que as pessoas realmente possam ter os seus direitos respeitados e a gente percebe que infelizmente ainda falta muito, a grande maioria das pessoas ainda não conquistaram esse direito que é vital,*

*que é de viver dignamente, de poder morar, se alimentar, educar os filhos. Então, são direitos fundamentais que infelizmente ainda não são respeitados. (DEVANIR)*

Continuando com a reflexão de Gohn (1992), a autora aponta um paradoxo quando afirma que o trabalho das assessorias sobre as dimensões socioeconômicas e políticas do cotidiano popular foi realizado, entretanto os projetos realizados não foram realmente populares, foram realizados a partir do trabalho das assessorias, fragilizando os movimentos no sentido de uma não autonomia.

A partir dos anos 90, principalmente na segunda metade, as mudanças na conjuntura colocam aos movimentos sociais e instituições novas situações, diante das quais muitos ficam enfraquecidos ou deixam de existir. As mudanças na década de 90 trazem ao cenário o Terceiro Setor, do qual as ONGs fariam parte, no entanto o projeto político das diversas organizações que compõem esse campo pode ser muito diferente. De acordo com Gohn (2005), o Terceiro Setor, de lógica mais empresarial e assistencialista, parte de um discurso social e de defesa de direitos, mas na ação concreta, não atua nas causas e estrutura dos problemas sociais. Já as ONGs Cidadãs, são portadoras de um projeto político que prioriza a conquista e defesa dos direitos da população e emancipação sociopolítica e econômica das camadas sociais excluídas e à margem de condições dignas de vida e de justiça social.

Diante desse cenário, as instituições que se mantiveram tiveram que se reestruturar, repensar suas estratégias e planos de ação. Esse movimento aconteceu com o CEDAP como foi exposto pelos entrevistados, como por exemplo, na fala da Zuleica:

*Teve toda uma discussão e readequação. Teve que se enquadrar pra poder sobreviver. Tem alguns momentos que você tem que fazer algumas decisões, mas se você faz as decisões com clareza, beleza, e essa clareza a gente tinha (...). Porque você tem que localizar de onde vêm as palavras e em que momento e em que tempo, porque elas se perpetuam, mas da onde ela vem, por que ela vem, em que contexto ela vem. (...) Então você vê que não perdeu a essência, por mais que você teve que repensar as estratégias de pegar recurso, por mais que você teve que repensar as estratégias de sobrevivência, de reformulação da equipe, mas aí você olha na trajetória das coisas que são feitas e você vê que não foi perdido. (ZULEICA)*

Em sua visão, o CEDAP realizou mudanças, adotou outras parcerias para projetos com outras parcelas da população, como estratégia de sobrevivência, e, embora, assuma que o trabalho é diferente, esse depoimento, bem como de outros entrevistados, reforça que toda essa reestruturação foi realizada de maneira cuidadosa, a partir de muito diálogo, discussão, procurando manter os

13

princípios que fundaram essa organização, principalmente do trabalho político. Essas são importantes questões que ficam para reflexão e merecem ser retomadas em outros estudos.

### **Bibliografia**

CEDAP. *Ata da Assembléia de Fundação*. Data 17/10/1989.

CEDAP. *Relatório de Atividades: período de janeiro de 1988 a janeiro de 1989*. 1989.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos Sociais e Educação*. São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. *História dos movimentos sociais e lutas sociais: a constituição da cidadania dos brasileiros*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. São Paulo: Cortez, 2005.